

EXPERIENCIAS

COMUNIDADE INTERCONGREGACIONAL

Ir. Maria Inês
Vieira Ribeiro, MAD*

y Ir. Maria de
Fátima Kapp, MSSPS**

1. Introdução

“O vento sopra onde quer, e tu ouves a sua voz, mas não sabes nem de onde vem, nem para onde vai. Assim acontece com todo aquele que nasceu do Espírito”(Jo 3,8). Esse é o movimento do Espírito Divino, cujo sopro, revitaliza a vida, a criação, as pessoas e as instituições, impelindo-as a “saídas” e redescobertas missionárias e congregacionais. Foi nesse dinamismo do Espírito de Deus que surgiu a Intercongregacionalidade.

Esse termo foi sendo cunhado no decorrer do tempo e no avanço das programações conjuntas e convivências da Vida Religiosa Consagrada. Teve distintos enfoques e matizes e, naturalmente, evoluiu. Passou-se dos projetos de formação e animação para ações missionárias intercongregacionais. E, nas últimas décadas, forjamos um salto qualitativo nas alianças e parcerias intercongregacionais. Institutos da VRC deram passos significativos ao constituírem comunidades intercongregacionais de Vida e Missão.

* Maria Inês Vira Ribeiro é Religiosa da Congregação das Irmãs Mensageiras do Amor Divino. É Presidente da Conferência dos Religiosos do Brasil. Reside em Brasília/DF.

** Maria de Fátima Kapp é Religiosa da Congregação das Irmãs Missionárias Servas do Espírito Santo. Atua como Assessora Executiva do Setor Missão da Conferência dos Religiosos do Brasil. Reside em Brasília/DF.

2. Contextos e cenários

Importante lançar um olhar no contexto histórico, para constarmos os cenários nos quais nasceram e se fortalecem as iniciativas das Comunidades Intercongregacionais¹. Segundo Andrade e Romio, um dos fatores que influenciou o diálogo de Congregações a este respeito foi a necessidade de repensar a forma como organizar o projeto missionário, devido à escassez de vocações. Além desse fator, os autores enfatizam as “fronteiras missionárias que estão se multiplicando cada vez mais, onde um único carisma não poderia responder às exigências do mundo contemporâneo”³.

Menezes⁴ realça que “...a Intercongregacionalidade nasce da experiência de Deus, se reforça na comunidade e se concretiza na missão. É uma resposta de Deus ao grito dos pobres. É muito importante continuar sendo

‘presença do mistério pascal’ em meio aos pobres”⁵.

Considerando a nossa prática em acompanhar comunidades Intercongregacionais, somos do pensamento de que as comunidades atuais têm, como fundamento de sua partilha de vida e missão, *o clamor da vida que vem da realidade sofrida, os pobres*. Reforçamos a posição dos autores supracitados e voltamos nosso olhar para a missão com opção pelos pobres, como o principal apelo e motivação das/os religiosas/os ao integrarem essas comunidades. Temos conhecimento e acompanhamos várias iniciativas de comunidades deste gênero. Estas, normalmente, surgiram para responder às urgências da missão “*onde a vida clama*”.

3. Experiências de Comunidades Intercongregacionais

A Conferência dos Religiosos do Brasil tem procurado responder às

¹ Usaremos nesse texto “INTER” para designar intercongregacional e INTERs intercongregacionais, referindo-nos às Comunidades.

² ANDRADE, J.; ROMIO, R., Intercongregacionalidade como paradigma da Vida Religiosa Consagrada em “Saída”, Maio de 2017. Artigo que será publicado na Convergência de setembro de 2017.

³ Id.

⁴ MENEZES, Valentim fez essa afirmação. Ele assessorou o 2º Seminário da Intercongregacionalidade nos dias 21 a 23 de outubro de 2017 em Brasília, no qual participaram representantes de oito Comunidades INTERs e dois Projetos Missionários.

⁵ Textos extraídos do Relatório do 2º Seminário da Intercongregacionalidade, p. 02. Outubro de 2016.

necessidades da missão, mediante o apoio às iniciativas de equipes e Congregações que se unem em prol de projetos missionários. Mencionamos algumas Comunidades Intercongregacionais⁶ e seus locais de atuação missionária:

01. Equipe Itinerante Interinstitucional⁷: trata-se de uma equipe que integra religiosos/as, sacerdotes e leigos/as. Como comunidade, nasceu no ano de 2002. Celebra seus quinze anos de itinerância pela Amazônia. A equipe está organizada em duas comunidades: Iñaperi/Peru e Manaus/AM-Brasil.

02. Assentamentos de colonos Sem-Terra: diocese de Bagé/RS: a comunidade é composta de três Congregações: Ordem dos Frades Menores, Capuchinho e Scalabriniano.

03. Vila Prudente: inserida numa periferia da grande São Paulo/SP, atua junto aos pobres da grande favela, em âmbito social e pastoral. Iniciou em junho de 2010 e é constituída de três Irmãs. É acom-

panhada pela Regional da CRB de São Paulo.

04. Baliza/GO: atua na pastoral dos assentamentos dos Sem-Terra. Formada de três Irmãs, teve início em março de 2016. É acompanhada pela CRB - Regional de Goiânia/GO.

05. Fonte de Elias, Diocese de Cratos/CE: intercarmelitanas. Iniciativa da Família Carmelitana.

06. Missão Sem Fronteiras: Oiapoque/AP. Constituída de duas religiosas e uma leiga consagrada. Iniciou em maio de 2015 e atua na prevenção e enfrentamento do tráfico de seres humanos na fronteira Brasil/Guiana Francesa.

07. Comunidade Assessoras/es CRB Nacional: Brasília/DF. Nasceu pela necessidade de prestação de serviço à CRB Nacional. Iniciou em 2007. Hoje são oito Irmãs de oito Congregações. Sete Irmãs prestam serviços à CRB e uma atua na Infância e Adolescência Missionária - Pontifícias Obras Missionárias.

⁶ No ano de 2016 encaminhamos às Congregações e Regionais da CRB um questionário para mapeamento de comunidades, grupos e associações INTERs. Obtivemos dados, mas o processo ainda não está concluído.

⁷ Equipe Interinstitucional Itinerante: A CRB Nacional apoia e participa de seus encontros. As comunidades itinerantes viveram a sua experiência INTER nesses locais: Manaus 2002 até hoje; Tabatinga/AM 2004 - 2014; Boa Vista/ RR 2008 - 2014; Iñaperi/Peru desde 2016.

08. Comunidade Missionária Nazaré: Porto Príncipe/Haiti. Teve início em 20 de setembro de 2010. Surgiu diante da situação dramática do terremoto. Atualmente a comunidade está constituída de sete Irmãs de sete Congregações. Atuam numa periferia, atendendo crianças, adolescentes, jovens, adultos e idosos, em dezessete oficinas, tendo três eixos básicos das atividades missionárias: Evangelização, Formação e Economia Solidária. Trata-se de um projeto missionário de parceria entre a CNBB⁸ e a CRB Nacional. O convênio é por dez anos⁹.

09. Comunidade Salawe: Diocese Pemba/Moçambique. Constituída de quatro Irmãs de quatro Congregações. Teve início no dia 10 de setembro de 2016 para a missão social e pastoral nesta região. Moçambique é um dos países mais pobres da África e Pemba é a Diocese no extremo do país e considerada a mais pobre. É acompanhada pela CRB Nacional. Além destas experiências, tivemos contatos com outras dez comunidades que existiram por um

determinado período, mas por motivos diversos foram extintas¹⁰.

4. Elementos Primordiais na Comunidade Intercongregacional

Os critérios, as exigências e os elementos que sustentam uma comunidade Intercongregacional e favorecem a convivência são os mesmos de outra comunidade da VRC. No entanto, há implicações que devem ser consideradas. Em breves palavras, evidenciamos aspectos relevantes para a vida comunitária.

a) Autoconhecimento: para convívio saudável, num grupo humano se faz necessário que as pessoas, por um lado, tenham feito processo de conhecimento de si mesmas e de autoaceitação; sejam capazes de administrar seus dons, talentos, habilidades, socializando-os na comunidade e na missão. Por outro, as pessoas que possuem certo nível de maturidade, reconhecem e acolhem seus limites, fragilidades, falhas e buscam a superação.

⁸ CNBB: Conferência Nacional dos Bispos do Brasil.

⁹ Convênio entre as duas Conferências CNBB e CRB é por dez anos, mas com as congregações é por três anos.

¹⁰ A Intercongregacionalidade constitui uma dimensão que integra o setor Missão da CRB Nacional. O setor procura organizar Seminários de cada dois anos, para refletir sobre esta dimensão. Procura, na medida do possível, manter contato com as comunidades existentes como forma de apoiá-las.

b) Espiritualidade e Mística: um dos pilares fundamentais da VRC é a espiritualidade, tanto em nível pessoal, como comunitário. O cultivo da mística, da experiência de Deus é imprescindível para que a/o religiosa/o possa manter-se fiel ao seguimento de Jesus Cristo, que é o sentido de sua consagração religiosa, e discernir os apelos do Espírito Santo em sua vida, na comunidade e na missão. Ser assídua/o na vida de oração, iluminada pela Palavra de Deus e em conexão com a realidade.

c) Identidade congregacional sólida e consistente: quanto mais consistentes e enraizados forem o carisma e a espiritualidade específicos do Instituto da/o religiosa/o, tanto mais poderão ser traduzidos na vivência e na partilha com os membros da comunidade. O amor à Família Religiosa de origem constitui uma fonte que emana para a Comunidade Intercongregacional, que a enriquece e fortalece.

d) Capacidade de diálogo e partilha: a vida comunitária é tecida de pequenos gestos e atitudes do cotidiano que possibilitam o conhecimento mútuo, a interação e o aprofundamento nas relações interpessoais. A partilha de vida

e a autorrevelação favorecem a compreensão mútua, a reciprocidade nas relações, a amizade/companheirismo e o bem querer. Fundamental é a capacidade de trabalhar em equipe, construir juntas/os, buscar caminhos nas dificuldades e desafios e celebrar as conquistas e vitórias.

e) Valorização dos diferentes carismas e espiritualidades: a vida nas Comunidades Intercongregacionais é muito intensa. Estando juntas pessoas de diferentes Institutos e carismas, contribui para que nos momentos de partilha e comunhão venham à tona a riqueza de cada pessoa levando os membros a se conhecerem e se valorizarem. Requer ainda que a Comunidade encontre momentos privilegiados para que isso aconteça, trazendo para o encontro comunitário o que foi vivenciado e desenvolvido na missão.

f) Projeto de vida: deve ser construído em comum, em clima de oração e de responsabilidade, cada membro sentindo-se pertencente à comunidade e livre para expor seu pensamento e preocupações. Nas Comunidades Intercongregacionais é pertinente um período mais longo e de qualidade para a convivência e para o

conhecimento recíproco. Oportunizar tempo favorável à partilha dos Carismas, das Histórias Congregacionais, a maneira peculiar de conceber a missão. Embora essa troca recíproca de “saberes” perpassa de forma espontânea o convívio cotidiano, deve ser priorizado espaço de qualidade para esse fator, que será de enriquecimento para todas/os e proporcionará consistência ao grupo. O lazer faz parte de uma vida saudável e deve ser considerado. Sem dúvidas, que no decorrer do caminho haverá divergências, desentendimentos e dificuldades nas relações. Porém, o cuidado pelo bem comum, o diálogo, o perdão e a caridade possibilitarão a superação desses impasses e de outros que possam ocorrer.

g) Missão conjunta: o plano missionário da comunidade deve ser elaborado em conjunto, num clima de fé, oração e discernimento. Cada integrante deve sentir-se envolvido e contribuir para estabelecer as prioridades, métodos, estratégias e metas, a partir da realidade. A avaliação e revisão periódicas são partes integrantes da atuação na missão.

h) Acompanhamento: Consideramos a importância do acom-

panhamento da comunidade Intercongregacional por parte da Entidade que a iniciou. Sendo uma comunidade Intercongregacional, a referência dos Membros se dá mais com a Entidade responsável do que com o Instituto. Cabe à Entidade responsável manter constante contato de apoio, escuta e busca de solução dos eventuais conflitos, bem como a formação continuada, a espiritualidade, proporcionando momentos fortes, como, por exemplo, Retiro anual.

Salientamos parte do depoimento de uma religiosa que está integrada na comunidade Intercongregacional, em Porto Príncipe, Haiti.

Foi uma graça poder conviver com 12 congregações diferentes. A riqueza de todos os carismas proporciona abrir horizontes para ver além.....no primeiro ano, convivi com seis congregações diferentes e cada irmã de um Estado diferente do Brasil, uma riqueza de culturas sulistas, nordestinas, do norte, do sudeste e do centro-oeste partilhando culinárias, danças e folclore típicos de cada região. Senti-me muito acolhida, cada uma com seu modo de ser fazia o possível para que

pudesse me adaptar. No começo não foi fácil a adaptação na comunidade e na missão, pois a língua falada pelos pobres é o crioulo haitiano. Passados alguns meses, começaram os desafios comunitários, éramos muito diferentes em idade e temperamento, precisamos sentar inúmeras vezes para nos organizar e em nossas reuniões deixamos espaços para fazermos algumas avaliações, leitura orante, em que a Palavra de Deus nos conduzia à partilha de vida e de visões diferentes de evangelização e missão. Assim fomos crescendo, errando, perdoando-nos inúmeras vezes para avançarmos e aprendermos a conviver com nossas diferenças¹¹.

6. CONCLUSÃO

A vivência nas Comunidades Intercongregacionais é uma oportunidade ímpar de ampliar os horizontes, de crescer e de amadurecer, como também de enriquecer missionariamente suas

famílias religiosas. Mas, como já enfatizamos, é imprescindível aos membros da comunidade: escolha pessoal, compromisso, comunhão na missão, preparação e acompanhamento das Instituições.

É necessário que a VRC continue investindo nas reflexões, com iluminações bíblicas e teológicas sobre VRC e Missão, para que possamos discernir e avançar nesse nível da Intercongregacionalidade.

Confiamos que o Espírito de Deus, que inspirou o surgimento das Comunidades Intercongregacionais, suscite as mediações para sua continuidade e subsistência, iluminando o seu caminho para a vivência do testemunho e para o profetismo. Jesus, o Verbo Divino, que armou sua tenda entre nós, caminha conosco e nos ensina a partilhar o pão com nossas irmãs e irmãos. Com Jesus, vivemos, em fidelidade criativa, na alegria e na Intercongregacionalidade, os carismas congregacionais.

¹¹ RIBEIRO, M. Goreth, História de uma vida - comunidade intercongregacional. Convergência, n. 495, outubro 2016.